

## O CÂNCER NO PACIENTE IDOSO

Dra. Andressa Stefenon  
CRM - 34.841

Oncologista Clínica no Centro de Oncologia e Sub-investigadora no Centro de Pesquisa da CliniOnco. Graduação em Medicina pela UFCSPA, Residência médica em Clínica Médica pela UFCSPA, Residência médica em Cancerologia Clínica pela PUC-RS.

Nas últimas décadas, percebe-se claramente uma mudança importante no perfil demográfico da população brasileira, que iniciou com redução das taxas de mortalidade e, posteriormente, queda da taxa de natalidade. Essa mudança provocou uma alteração significativa da estrutura etária da população, aumentando o contingente de indivíduos com mais de 60 anos.

De acordo com projeções da Organização das Nações Unidas (ONU), uma em cada 9 pessoas no mundo tem 60 anos ou mais e estima-se um crescimento para 1 em cada 5 por volta de 2050. Em 2050 pela primeira vez haverá mais idosos que crianças menores de 15 anos, alcançando o número de 2 bilhões de pessoas ou 22% da população global.

Dados da ONU já demonstraram que indivíduos com mais de 65 anos tem 11 vezes mais chance de desenvolver câncer em relação àqueles mais jovens. Ainda segundo a ONU, um a cada quatro homens entre 60 e 79 anos já têm ou vai desenvolver algum tipo de câncer. Entre as mulheres na mesma faixa etária, o percentual é de uma a cada grupo de três.

O próprio envelhecimento é um importante fator de risco para o desenvolvimento desta doença, porém ele ocorre como um fenômeno heterogêneo. Muitas vezes, a idade cronológica é discrepante das condições de saúde daquele indivíduo e ela não pode ser utilizada como equivalente direto de declínio funcional pois, dessa forma, corre-se o risco de não oferecer um tratamento com potencial de benefício para o paciente.

A decisão sobre o tratamento para esta patologia no paciente idoso deve ser sempre individualizada, levando em consideração a expectativa de vida, presença de outros problemas de saúde já existentes e uso de medicamentos, presença de limitações funcionais para realização de atividades do cotidiano, condições nutricionais, suporte familiar, tipo de neoplasia diagnosticada e resposta esperada ao tratamento proposto versus toxicidade. Além disso, a avaliação criteriosa é capaz de revelar situações desconhecidas até aquele momento ou sub-diagnosticadas, que podem comprometer tanto a segurança quanto a eficácia do plano terapêutico e necessitam ser adequadamente manejadas.

É importante ainda salientar que os avanços no tratamento do câncer, com uso cada vez mais amplo de terapia alvo e imunoterapia em detrimento da quimioterapia convencional e a otimização de medicações sintomáticas para minimizar os efeitos

colaterais do tratamento oncológico, também tem exercido papel importante na decisão da conduta a ser adotada após o diagnóstico de neoplasia.

Sendo assim, fica cada vez mais evidente a necessidade de um preparo diferenciado das equipes de saúde para compreender as necessidades do paciente oncológico idoso e assisti-lo da melhor maneira possível, tendo em mente que o tratamento do câncer em idade avançada é possível e pode trazer qualidade de vida e dignidade, desde que o paciente seja adequadamente avaliado e possa contar com um suporte multidisciplinar.